

O remédio amargo do BC

Governo usa choque de juros para tentar conter especulação cambial e alta generalizada da inflação

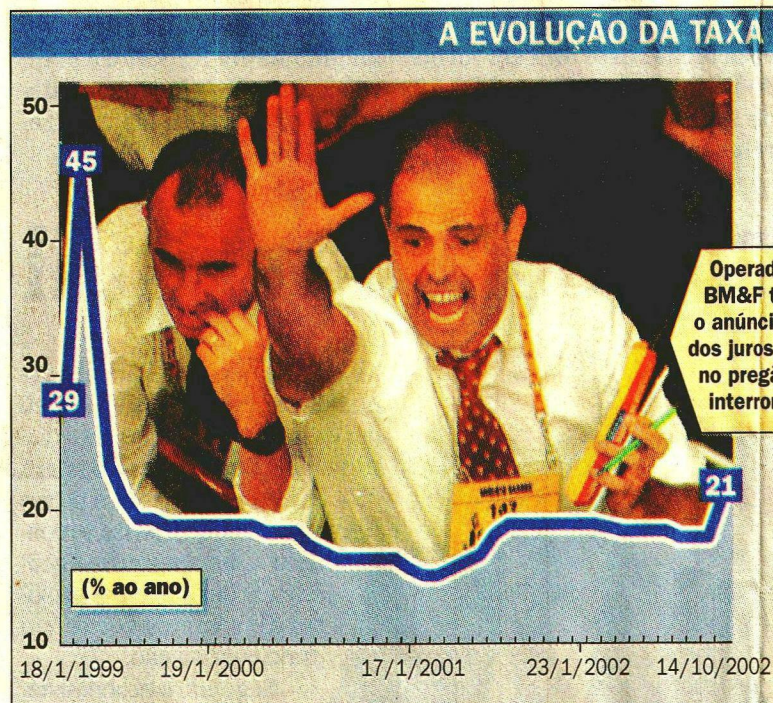
Reuters/Arte JB

BRASÍLIA E RIO – Depois de usar um arsenal de medidas para tentar conter a especulação com o dólar, sem sucesso, o Comitê de Política Monetária do Banco Central decidiu, em reunião extraordinária ontem, elevar de 18% para 21% ao ano a taxa básica de juros (Selic). É a taxa de juros mais alta desde julho de 1999, ano da maxidesvalorização do real. A decisão atinge em cheio o custo dos empréstimos bancários, e o setor produtivo, que terá menos recursos para investimentos.

O BC justificou a medida citando os aumentos generalizados de preços e a piora das expectativas de inflação, decorrentes principalmente da desvalorização do real. Com isso, segundo analistas, a economia brasileira, que já vinha desaquecida, enfrentará uma fredda ainda maior do consumo e da produção, o que poderá piorar o mercado de trabalho.

O anúncio da reunião extraordinária, feito por volta das 11h30, surpreendeu o mercado, que esperava o encontro mensal do comitê daqui a uma semana. O presidente do BC, Arminio Fraga, comandou a reunião do Copom, que durou mais ou menos uma hora, por telefone, do Rio de Janeiro, ao lado do diretor de Assuntos Internacionais, Beny Parnes. Os diretores de Política Monetária, Luiz Fernando Figueiredo, e de Política Econômica, Ilan Goldfajn, estavam viajando.

Desde junho de 1996, quando o Copom foi criado, esta é a terceira vez que é convocada uma reunião extraordinária para decidir o rumo dos juros no país. A primeira foi em 30 de outubro de 1997, quando o Brasil enfrentava os reflexos da crise da Ásia. A taxa básica passou na época de 20,7% para 43,4% ao ano. A segunda foi em 10 de setembro de 1998, durante a crise da Rússia, quando



Operadores da BM&F tensos com o anúncio da alta dos juros: negócios no pregão foram interrompidos

Por que os juros subiram?



A cotação do dólar permanecia próxima a R\$ 4, apesar de uma série de medidas antiespeculação adotadas pelo Banco Central, como aumento do depósito compulsório (dinheiro que os bancos são obrigados a recolher ao governo), restrições a operações com câmbio e venda direta de moeda americana ao mercado



A inflação, pressionada pela alta do dólar, estourou a meta para este ano e analistas já não acreditavam que a do próximo ano ficasse dentro das projeções acertadas com o Fundo Monetário Internacional

Quais os efeitos da alta dos juros?



No curto prazo, deve derrubar as cotações da moeda americana, tornando mais atraentes as aplicações em renda fixa



O crescimento da economia, no entanto, fica comprometido, já que os juros altos inibem o consumo e os investimentos do setor produtivo



As taxas de juros vão subir para o consumidor, encarecendo financiamentos, empréstimos, cheque especial, cartão de crédito e outras modalidades



A inflação tende a ceder, já que a retração da economia restringe os repasses da alta do dólar para os preços ao consumidor

Fonte: Banco Central

os juros subiram de 29,75% para 49,75% anuais.

O ex-presidente do BC Carlos Langoni considerou a medida "corajosa e necessária".

– Apesar de não ter uma autonomia formal, o BC mostrou que tem uma autonomia operacional e isso vai ajudar a estabilizar o câmbio.

Langoni disse ainda que o aumento da Selic impedirá que a inflação dispare. O Índice de Preços ao Consumidor Amplo, usado pelo governo para acompanhar as metas, fechou os 12 meses encerrados em setembro em 7,93%. No acumulado do ano, a alta é de 5,6%, para uma meta de 5,5%. Por enquanto, a inflação do ano que vem está sob controle. A meta é de 4%, podendo chegar a 6,5% e o governo projeta 4,5%.

Para o economista Roberto Padovani, da consultoria Tendências, a "decisão demorou a ser tomada e é contraditória".

– As expectativas de inflação já vinham sendo revistas e,

mesmo assim, o BC construiu a imagem que a taxa baixaria.

O economista-chefe do banco Itaú e ex-diretor do BC, Sérgio Werlang, acredita que este aumento de três pontos percentuais "seja mais do que suficiente para conter a pressão de repasse para os preços".

– Só não sei por que o Banco Central não esperou o Copom. Fica muito difícil para quem está de fora ter idéia das razões que levaram a essa decisão.

Economistas se dividem sobre a eficácia da medida no mercado

Segundo o economista-chefe da Federação Brasileira das Associações de Bancos, Roberto Luis Troster, o país está vivendo uma situação atípica – bolsas em todo o mundo em queda, possibilidade de guerra entre Estados Unidos e Iraque, colapso na Argentina e eleições presidenciais – o que torna o câmbio bastante volátil.

– O BC está na direção certa. Agora, se será suficiente, só o tempo vai dizer – afirmou.

Já para o diretor de Câmbio do Lloyds Asset Management,

Marcelo Schmitt, o aumento da Selic foi uma medida desnecessária, apesar de seguir uma trajetória correta.

– Foi desnecessária porque a economia já está lenta e vai aumentar o custo de parte da dívida pública total que está atrelada à Selic – afirmou.

O economista Felipe Ohana, da Federação Getúlio Vargas de Brasília, afirmou que o movimento do BC só se justifica se considerar o cumprimento das metas de inflação.

– O impacto da política monetária é de sete a 10 meses para frente. Não se reflete na inflação do curto prazo – disse Ohana, para quem o aumento da Selic não será suficiente para conter a disparada do dólar.

Segundo o boletim Focus, o mercado já estava revendo para baixo a previsão de crescimento do Produto Interno Bruto antes mesmo da decisão do BC – de 1,32% para 1,31%. Em relação à taxa de câmbio para o fim do ano, a perspectiva passou de R\$ 3,08 para R\$ 3,20.

Com Agência Folha